

O CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO: REFLEXÕES SOBRE OS FILMES *CAPITÃO FANTÁSTICO* E *ELEFANTE* NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Carolina da Silva Oliveira ¹

Cecília Luckmann ²

Prof. Dr. Halferd Carlos Ribeiro Junior ³

Prof. Dra. Isabel Rosa Gritti ⁴

INTRODUÇÃO

Para o aprimoramento da educação brasileira se fazem necessárias as mais variadas reflexões, dentre as quais encontram-se os debates acerca da formação docente e as práticas pedagógicas no contexto escolar. Nesse sentido, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa fundamental para a aproximação entre a universidade e a escola pública, promovendo experiências formativas que vão além da teoria acadêmica.

Para a construção desse programa são realizadas leituras, discussões e diversas atividades, como a exibição de filmes pertinentes às temáticas relacionadas aos debates sobre escolarização, cultura e sociedade. Desse modo, destacamos neste trabalho dois filmes que são: *Capitão Fantástico* e *Elefante*. Tais obras foram previamente selecionadas pelos professores orientadores do PIBID do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* de Erechim.

No presente trabalho abordaremos o cinema como uma ferramenta pedagógica de grande relevância, uma vez que possui um caráter interdisciplinar e, além disso, por meio de sua abordagem visual, é capaz de representar situações cotidianas, permitindo uma leitura ampla de fenômenos sociais, históricos, culturais e educacionais.

1 METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica e análise cinematográfica, em que problematizamos o uso do cinema na educação escolar. Dialogamos com Paulo Freire (1996), Walter Benjamin (1994), Alfredo Veiga-Neto, Karla Saraiva (2009) e Andréia Chiari Lins (2011) para refletir acerca das possibilidades do uso do cinema em práticas pedagógicas voltadas à formação de professores bem como seu uso na educação básica. Tal reflexão foi articulada por meio da análise dos filmes *Capitão Fantástico* (2016) de Matt Ross, e *Elefante* (2003) de Gus Van Sant, indagando o uso do cinema em sala de aula, a fim de possibilitar uma prática pedagógica voltada para a autonomia.

¹ Acadêmica do Curso de História – 3ª Fase 01/2025. Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus de Erechim. carolina.oliveira@estudante.uffs.edu.br.

² Acadêmica do Curso de História- 3ª Fase 01/2025. Universidade Federal da Fronteira Su I- Campus de Erechim. cecilia.luckmann@estudante.uffs.edu.br

³ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2015). Professor Associado I da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim. halferd.junior@uffs.edu.br.

⁴ Doutora em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002). Professora Associada da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim. isabel.gritti@uffs.edu.br.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Desde o início do século XX, autores como Walter Benjamin (1994) já reconheciam o cinema como uma forma de arte acessível às massas, com potencial para suscitar reflexões sobre a sociedade moderna. No entanto, o autor também adverte que a imagem, quando consumida apenas em sua superfície estética, pode veicular ideologias implícitas, contribuindo para a reprodução de visões de mundo dominantes.

Diante disso, faz-se necessária na formação docente o exercício da análise crítica dos filmes, para assim compreender a totalidade dos mesmos e reconhecer os elementos que compõem sua linguagem visual. Essa postura é essencial para que depois de sua formação, possam orientar os estudantes na leitura crítica das obras audiovisuais, promovendo um ensino mais reflexivo, consciente e comprometido com a formação emancipadora.

Tal criticidade torna-se cada vez mais urgente, considerando a articulação entre a educação e as novas tecnologias. Nesse sentido, Lins (2011, p. 91) ressalta que “a imagem tem uma presença forte, pois traz consigo, em sua leitura, aspectos de uma linguagem que pode envolver simultaneamente o lúdico, o imaginário e o realismo”. Assim sendo, o uso de obras audiovisuais permite a construção de conexões significativas com a realidade vivida pelos sujeitos, pois em muitos aspectos aproximam-se do cotidiano.

Ao utilizar a imagem de maneira interativa, participativa, reflexiva e crítica, é possível ampliar a dinâmica pedagógica, favorecendo uma maior interação entre os estudantes e o universo escolar, bem como com os contextos sociais nos quais estão inseridos.

A formação de professores exige não apenas a apropriação dos conteúdos disciplinares, mas também o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva diante das práticas sociais e educacionais. Freire (1996) enfatiza a importância de uma educação dialógica e libertadora, em que o educador seja capaz de problematizar a realidade e contribuir para sua transformação, dessa forma, a educação para Freire não se limita apenas à transmissão de conhecimento, mas busca formar indivíduos críticos e conscientes. O cinema, nesse sentido, configura-se como uma potente ferramenta formativa, ao colocar os futuros professores em contato com dilemas éticos, políticos e sociais que atravessam a prática docente e a vivência escolar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dirigido por Matt Ross, o filme *Capitão Fantástico* (2016), apresenta uma família que vive de forma isolada da sociedade, guiada por um pai com princípios alternativos à educação tradicional e que usa deles para educar seus filhos. A obra levanta as mais variadas discussões que vão desde o papel da educação até os limites da autonomia na formação humana.

O filme revela contradições que refletem a complexidade da prática educativa, pois visando a criação de filhos com autonomia física e moral, Ben, o pai, acaba por limitar as escolhas deles. Desse modo, a obra possibilita uma reflexão acerca do que diferencia uma prática emancipadora de uma prática autoritária disfarçada de liberdade.

Assim sendo, o contato com essa obra permite uma reflexão sobre os próprios valores que sustentam a futura prática pedagógica e os desafios de construir uma educação comprometida com a autonomia, o diálogo e a transformação social.

Enquanto isso, a obra *Elefante* (2003), de Gus Van Sant, retrata a banalização da violência no ambiente escolar, o *bullying* e o papel da escola na formação dos sujeitos. O filme acompanha a vida “normal” dos estudantes de uma escola vista pelo clichê do cinema: jogadores de futebol americano, líderes de torcida e jovens problemáticos. Enxergamos os acontecimentos do filme como um estudante dessa escola e isso torna a análise da situação mais detalhada, já que como telespectador, podemos captar os mínimos sinais de ameaças presentes no cotidiano da escola, os quais na realidade foram passados despercebidos. Dessa maneira, o título do filme sugere uma metáfora sobre o grande problema presente nessa escola que, apesar de ter sido apresentado a todos, foi ignorado pelos responsáveis até que fosse tarde demais.

Sabe-se, portanto, que a escola possui um papel fundamental na construção da sociedade e que quando esse papel é negligenciado ou esquecido há consequências profundas no funcionamento social. A escola não é apenas um local para o ensino, mas também um local de acolhimento. No artigo *Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea*, os autores Karla Saraiva e Alfredo Veiga-Neto (2009) analisam que o mundo atual se tornou líquido segundo a filosofia de Bauman, isto quer dizer que as relações humanas mudaram significativamente em relação às gerações passadas. Dessa maneira, na sociedade atual, as relações são rasas e geralmente pouco desenvolvidas, como é visto no filme, em que um estudante tenta apresentar o seu problema ao diretor e é ignorado.

Os filmes permitem que futuros educadores reflitam e exercitem sua análise crítica, o que fortalece a formação de professores uma vez que ela não pode se restringir à aquisição de conteúdos, mas deve abranger a compreensão dos contextos, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 25).

Levando em conta que *Capitão Fantástico*, em uma primeira vista, oferece um retrato alternativo de educação, mas para além disso, quando compreendido e investigado, serve como um espelho das contradições e desafios enfrentados por educadores que desejam promover uma formação verdadeiramente crítica e que para tal necessitam romper com práticas autoritárias. Seu uso em contextos formativos é uma forte ferramenta para exercitar a reflexão sobre o que é a educação e o que significa educar.

Diante disso, o uso do filme *Elefante* nos espaços pedagógicos é necessário, a fim de promover um maior acolhimento escolar já que, muitas vezes, diversos estudantes são deixados de lado por parte da família e a escola torna-se uma segunda casa, já que grande parte do desenvolvimento das crianças e adolescentes se dá nesse local.

Ao integrar filmes como *Capitão Fantástico* e *Elefante* à formação inicial, os licenciandos em História têm a oportunidade de experimentar abordagens educativas que rompem com o ensino tradicional⁵ e refletir sobre os conflitos existentes nas obras bem como na vida real.

⁵ Segundo Freire (1987), trata-se de uma prática conservadora, em que o professor transfere o conhecimento para os alunos, que o absorvem de forma passiva.

CONCLUSÃO

Diante das reflexões propostas, evidencia-se a relevância do uso do cinema como recurso didático-pedagógico na formação docente, tendo em vista que tal uso contribui no desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de análise, fatores essenciais para a prática docente reflexiva e transformadora. Ambos filmes desafiam a reflexão sobre diferentes modelos de educação, conflitos geracionais, desigualdades sociais, violência escolar, entre outros temas complexos que atravessam o cotidiano das escolas brasileiras.

Desse modo, este trabalho contribui para ampliar o olhar sobre diferentes metodologias formativas, e convida à continuidade de investigações que explorem outras linguagens artísticas como ferramentas educativas, bem como estudos que analisem os impactos dessas práticas nos processos de ensino-aprendizagem e na constituição da identidade docente.

Ademais, reconhecemos, enquanto docentes e futuras professoras, as limitações herdadas de um ensino básico que, em muitos momentos, inibiu nossa curiosidade. Ainda assim, essas lacunas não nos impedem de aprender por meio da prática. Por isso, destacamos as atividades mencionadas e defendidas ao longo deste trabalho, como experiências essenciais para o desenvolvimento de nossas reflexões. Foi a partir delas que conseguimos identificar algumas de nossas dificuldades e, com isso, compreender quais aspectos precisamos aprimorar para melhor apoiar nossos futuros alunos em suas próprias jornadas reflexivas.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAPITÃO FANTÁSTICO. Direção de Matthew Brandon Ross. Estados Unidos: Universal, 2016.

ELEFANTE. Direção de Gus Van Sant. Estados Unidos: Meno Film Company, 2003.

SARAIVA, K.; VEIGA-NETO, A. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 187-201, Mai/Ago 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8300>. Acesso em: 13 de Abril de 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LINS, Andréia Chiari. Walter Benjamin e a educação: apropriações de suas teorias para a análise da imagem como recurso didático. **Revista Pró-Discente**, Vitória-ES, v. 17, n. 2, p. 84-99 Jul/Dez 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/5809>. Acesso em: 12. abr. 2025.